

FAZENDO A DIFERENÇA: HISTÓRIAS DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS PARTICIPANTES DO PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA (PNAIC)

MAKING THE DIFFERENCE: PARTICIPATING LITERACY TEACHERS' STORIES OF PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA (PNAIC)

Crystina Di Santo D'Andrea

Helenise Sangoi Antunes

*Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
professora@helenise.com.br*

Introdução

Esta é uma pesquisa realizada com vinte e uma Orientadoras de Estudos integrantes do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), no Polo Santa Rosa, coordenado pela Universidade Federal de Santa Maria, na parte norte do estado do Rio Grande do Sul. O PNAIC é um programa federal que propõe uma mudança de paradigma na concepção de alfabetização, inovando-a nas instituições públicas de ensino fundamental, como um ciclo alfabetizador. A federação organizou materiais teóricos para serem estudados pelos professores e subsidiou as escolas com excelentes materiais em literatura infantil, jogos e livros paradidáticos. Os próprios professores manifestam que nunca tiveram tantos recursos nas escolas, inclusive, tecnológicos. No ano passado, o foco foi no letramento e na língua materna; este ano, o foco é na linguagem matemática.

Para o bom entendimento desses materiais e a inovação pedagógica nas salas de aula, é que se realizam as formações do PNAIC. A estrutura é composta por uma Coordenação Geral de Linguagem e outra de Matemática; uma Equipe Técnica, responsável pela gestão do Programa; os Formadores, incumbidos dos estudos de todo o Programa; os Orientadores de Estudos, professores envolvidos com a alfabetização em seus municípios, responsáveis por multiplicar a formação que recebem nos encontros; e os professores alfabetizadores, que atuam nos três primeiros anos do Ensino Fundamental em seus municípios. São mais de vinte mil professores envolvidos no Programa apenas nessa fatia coordenada pela UFSM, aqui no Rio Grande do Sul.

Cabe ainda lembrar que, entre os Cadernos de Formação (assim denominados pelo Programa), organizados de forma temática, aparecem estudos pertinentes às escolas multisseriadas (existentes em muitos municípios participantes) e aos processos de inclusão.

Considerando que escola não é um componente natural da vida dos seres humanos, tanto para alunos, como para professores, e que sociedades escolarizadas são diferentes de sociedades não-escolarizadas, e, ainda, que nem toda sociedade escolarizada é igual, pois na instituição escolar definem-se os aspectos culturais do lugar, ficamos nos perguntando por que, embora os programas de formação sejam realizados, de maneira geral por todos os municípios envolvidos, a escola se perpetua em formatos que não dão mais conta das mudanças culturais dos lugares, se distanciando, cada vez mais, dos processos de letramento do lugar e das formações das pessoas como cidadãos globais?

A escola e o processo de escolarização são uma criação histórica que se enraizou em um tipo específico de formação cultural das sociedades letradas e que resistem aos novos paradigmas. Acreditamos que essa constatação, de que a escola é ao mesmo tempo produto e produtora de cultura, refletiu sobre minha escolha profissional e definiu a temática da minha tese. Como e por que as mudanças se efetivam nas salas de aula, se elas são movimentos culturais? Em que tempo/movimento as experiências de formação permanente das professoras alfabetizadoras passam a relacionar as aprendizagens de si e do mundo, com suas trajetórias pedagógicas para transformar o cotidiano do aprender e do ensinar institucionalizado? Efetivar nos Diários de Bordo a própria formação demonstrou ser uma excelente estratégia para incentivar a transformação das práticas pedagógicas dos professores envolvidos no Programa, integrantes do GT12, inclusive, eu.

Reescrever-se para autoformar-se

Na tentativa de expandir os horizontes dessa pesquisa, optamos por compor um trabalho alfabetizador em uma proposta de Letramento, visto que a leitura e a escrita são invenções sociais capazes de transformar a cultura de um lugar, e o conhecimento não é algo acabado, mas uma construção que se faz e refaz nas práticas cotidianas.

Por meio do método biográfico, através da escuta sensível das histórias orais e narrativas, pois o mesmo propicia analisar e esclarecer as relações coletivas que se estabelecem entre o sujeito de determinados grupos e contextos, investigando as transformações que acontecem com o sujeito e, ao mesmo tempo, com seu cotidiano alfabetizador, é possível descobrir que textos formadores podem ser elaborados nesse contexto, construído pelas histórias de vida dessas professoras. É o próprio sujeito investigado o ponto de intersecção das relações

entre o que é externo a ele e o que carrega em seu íntimo. Autobiografias e biografias configuram-se, cada vez mais, como férteis espaços de conhecimento da pesquisa em Educação, colaborando para a qualificação profissional e a formação de professores. Dessa forma, propomos o entrelaçamento da minha própria história com a dessas professoras, pois, ao compartilharmos os momentos formadores, vamos transformando-nos pela ação do outro, até que não sejamos mais nós mesmas sem que possamos perceber o outro em nós. Como diz o poema “Tecendo a manhã”, de João Cabral de Melo Neto:

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.
E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

Não é o galo, não é a teia, nem o ato de cantar, mas é a partir da teia que se entretece ao lançar ao outro, que se possibilita a compreensão do que seja a manhã. Sob esse aspecto, nos transformamos juntamente com essas professoras, através da expressão dos contextos em textos compositores de Diários de Bordo.

O Diário de Bordo como estratégia autoavaliadora em processos de autoformação

Escrever não é tarefa fácil, mas acreditamos que seja a melhor forma de refletirmos sobre o que aprendemos no nosso cotidiano e elaborarmos nossas aprendizagens. Associamos o trabalho desenvolvido na minha própria formação escolar e acadêmica, e como formadora de professores, com a escrita de si em Diários de Bordo. Uma estratégia para potencializar a reflexão sobre as aprendizagens pessoais, e suas (trans)formações, o que foi fazendo com que, juntamente com o meu grupo de trabalho, o GT 12, também refletisse em relação a minha própria formação e a sua compreensão. Fomos desenvolvendo

o PNAIC em formação compartilhada, colocando-nos no lugar de alunas e reconhecendo que aprendemos sempre, mas somente temos certeza de que nos transformamos, quando mudamos para modificar nossas práticas pedagógicas.

Memória é produção, conservação e evocação de informações e/ou conhecimentos elaborados a partir da própria experiência pessoal. À produção de memórias também podemos chamar por aprendizado. Memórias apenas adquirem sentido quando são evocadas, isto é, acessadas para serem utilizadas em ações no presente. Memória é vida fluída, é mundo vivido inventado no cotidiano.

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções atuais, desloca estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva, ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 2004, p. 09)

Nossa maneira de agir, pensar, planejar, de realizar e de sentir relaciona-se, estreitamente, com aquilo que lembramos, pois aquilo que lembramos é aquilo que sabemos. O que não aprendemos, ou o que, por algum motivo, tenha ficado esquecido, não faz mais parte de nós, não nos pertence mais, não nos é identitário. A identidade de cada um vai se formando de jeitos, trejeitos e trajetos diferentes porque cada um tem sua própria história construída pelo que é vivido cotidianamente e pela forma como é lembrado, ou esquecido, pelos sujeitos. Somos aquilo de que nos lembramos porque também decidimos o que queremos esquecer. Somos nossas memórias. Somos o que conseguimos aprender nas diferentes formas que percebemos e nos relacionamos com o mundo, inventando e reinventando nosso cotidiano. Como diz Norberto Bobbio: “Somos aquilo de que nos lembramos” (1997, p. 30). Eu diria: Somos o encontro daquilo que lembramos com o que decidimos esquecer.

O Diário de Bordo é uma pertinente forma de registro e (auto)reflexão que permite aos sujeitos reelaborarem-se em contínua (auto)formação, concebida como uma estratégia de interação com o mundo real, que possibilita a análise das aprendizagens cotidianas. É possível vislumbrar a memória (auto)biográfica cumprindo um determinado propósito nas nossas interações com o mundo e consequentes relações com os saberes estabelecendo-se como uma metodologia de pesquisa. Uma pesquisa sobre nós mesmos, investigando que possibilidades de aprendizagens temos construído para nós e que significações o cotidiano e as relações intrínsecas a ele vão proporcionando à formação dos sujeitos. As reflexões sobre si, buscando compreensão das dinâmicas e significações elaboradas pelas histórias de vida no cotidiano, permitem a transformação das pessoas em atores biográficos (JOSSO, 2010).

A ideia de atores biográficos parte da concepção de que, embora as pessoas estejam inseridas em um determinado contexto sociocultural, podem protagonizar suas histórias de vida inventando-se no seu cotidiano. Caminhar para si (JOSSO, 2010) permite um duplo movimento de consciência que relaciona e envolve o que é presente pelo que foi vivido no passado e que projeta perspectivas de futuro por aquilo que virá a ser. “*Esse olhar retrospectivo e prospectivo estimula a reflexão sobre a responsabilidade do sujeito sobre seu vir a ser e sobre as significações que ele cria.*” (JOSSO, 2010, p. 189) Construir um Diário de Bordo é transformar vozes em palavras escritas que possibilitam aos sujeitos compreenderem suas diferentes formas de aprender a aprender. Pensando dessa forma, colocamo-nos não como professoras, mas como alunas em permanente aprendizagens de si e do mundo.

Entendida como uma metodologia que favorece as relações entre memória e história, a (auto)biografia inter-relaciona-se com a história do tempo em tríade, passado, presente e futuro, isto é, de um tempo que não é apenas recorte, mas movimento. E, por estar em movimento, elabora mais uma dimensão, a das relações entre os três tempos que conseguimos captar quando escrevemos. Possibilita aos pesquisadores captar o que não está explícito, talvez mesmo, o indizível que, recolhido na memória e na sensibilidade dos sujeitos, expande possibilidades da compreensão do real. Assim, tornamo-nos pesquisadores de nós mesmos e protagonistas da nossa formação, viabilizando as transformações metodológicas e pedagógicas que sejam necessárias à alfabetização de todas as crianças até os oito anos de idade.

Vivenciar a história do tempo/movimento permite que se perceba com clareza a articulação entre as percepções e as representações dos atores biográficos e as determinações e interdependências que tecem as relações sociais e as transformações culturais. Que transformações seriam pertinentes na prática de uma avaliação (auto)formadora?

A experiência humana, pessoal/social, tem uma natureza temporal cujo caráter apresenta-se articulado pela narrativa, em especial quando clarifica a dualidade “tempo cronológico” / “tempo fenomenológico”. [...] A perspectiva tridimensional do tempo narrado também se apresenta no tempo pensado/vivenciado, com as ambiguidades e, mesmo, contradições no seio dessas três instâncias, passado, presente, futuro. (ABRAHÃO, 2006, p. 151)

Escrever o cotidiano tempo/movimento através das narrativas de si em um Diário de Bordo auxilia a compreender as transformações que vamos vivenciando a partir de nossas formações, realizando uma autoformação. É preciso aguçar a percepção para envolver-se em escritas de si, demonstrando que as diferentes maneiras de fazer o/no cotidiano é sempre resultado de uma

elaboração que compreende tempo/movimento, ou seja, conforme a visão de Freire (1997), a história sempre será uma contínua construção de nós mesmos e nós, seres inacabados:

No Magistério, lembro de algumas professoras perguntando se tínhamos certeza que queríamos ser professoras e expunham os muitos problemas da profissão Mas o brilho que elas traziam no olhar, o desafio que se impunham na entonação, o orgulho, visível na postura ... Não tínhamos como desistir. Queríamos ser professoras. Fiz meu Magistério nos anos finais da década de 70. Às vezes, ao fundo da sala de aula de determinadas professoras, um homem de preto sentava-se. Olhávamos enfileiradas, muitas vezes de revesgueio, como se nossas nuças estivessem sendo perfuradas por um raio incisivo vindo de um olho superpoderoso. Mas não éramos seu interesse prioritário. Hoje compreendo melhor essa tirania, o que me fez diferente. (Fragmentos do Diário de Bordo da autora, 2013)

(Auto)biografia é um método de pesquisa que pode ser utilizado em Educação, na própria avaliação, o que propicia analisar, esclarecer e compreender as relações coletivas que promovem determinadas aprendizagens e desvelar formas de pensamento que sejam promotoras de diferentes formas de aprender, estabelecendo relações entre os sujeitos de determinados grupos e contextos, e sendo o ponto de intersecção das relações entre o que é externo ao sujeito e o que ele carrega em seu íntimo, isto é, quais suas possibilidades de aprendizagens e quais inéditos lhe são viáveis (FREIRE, 1997). Da mesma forma, (auto) biografias configuram-se, cada vez mais, como férteis espaços de conhecimento da problemática em investigação e da conseqüente avaliação como apreciação, sem mensurar valores, comportamentos e saberes. Investigamos a nós para construirmos possibilidades a partir do compartilhar com o outro. Somos seres inacabados em sujeitos inéditos viáveis (FREIRE, 1997).

O que faz possível utilizar a (auto)biografia como metodologia de avaliação e de transformação é a fundamentação da sua análise. No caso, as percepções dos seus autores em relação aos seus saberes e fazeres pedagógicos e sua aprendizagem. É conseguir transformá-los em texto (conhecimento) e, assim, promover com que o próprio autor se perceba como potencial ator da dinamização das possibilidades de aprendizagens.

Embora pensem em como o aluno aprende, os professores preocupam-se com o que querem que o aluno aprenda. E, às vezes, inventar-se torna-se tarefa impossível. Não há inovações, apenas permitem-se retocar seu fazer pedagógico com as nuances das propostas e metodologias da época, sem favorecer com que os alunos protagonizem seus conhecimentos e sua própria formação. Sem criatividade. Sem saberes inovadores. Buscar novos métodos e novas teorias

não se tem mostrado suficiente, muito menos eficiente, para alterar a prática da sala de aula, seja ela em qualquer nível ou modalidade de ensino.

Descobrimos que a escola (a Academia por extensão) não nos constitui naquilo que somos, mas naquilo que nos possibilitou ser, redescobrimo o universo da pesquisa em educação e, conseqüentemente, a compreensão das maneiras de fazer no meu cotidiano de professora/formadora/pesquisadora. Descobrimos que um trabalho articulado e realizado em diferentes práticas pedagógicas e narrativas possibilita a criação de um ambiente de aprendizagens favorável à nossa (auto)formação. Compreendemos também em processo de formação que está intrinsecamente relacionado à formação das alunas, colocando-nos no lugar de aluna e aprendendo com as narrativas delas. O que colaborou para essas reflexões e transformação das práticas pedagógicas foi a utilização do Diário de Bordo como estratégia (auto)formadora.

Em um Diário de Bordo é possível registrar nossas relações com o cotidiano e seus saberes em diferentes gêneros textuais. Quando escrevemos, estamos reelaborando o conhecimento do mundo e nossas sensações e sentimentos compartilhados nele, expressando-o de diferentes jeitos. Dessa forma, fomos teorizando a prática como formadora de professores e compreendendo essa maneira diferente de transformar-se, preocupada com a formação do sujeito aprendente, sua interação com o conhecimento, suas possibilidades de aprendizagens, suas emoções, enfim, com sua (auto)formação.

O Diário de Bordo apresenta um potencial interativo porque permite a elaboração e a edição de suas informações em diferentes gêneros textuais, bem como a inserção de imagens, ou mesmo objetos significantes e significativos. Dessa forma, promove a interação e o compartilhamento de conhecimentos, emoções, sensações e impressões. Um Diário de Bordo anuncia em si não apenas a identidade do aprendiz, mas as maneiras de fazer cotidianas, que compõem o sujeito e estão expressas a partir da elaboração cuidadosa do que se quer dizer. Não apresenta apenas os conceitos de um objeto em estudo, mas dos significados do conhecimento elaborado a partir do que se sabe e do que se vive, que vão sendo construídos nas e pelas conseqüentes relações com o cotidiano.

É uma forma de mediação do processo reflexivo das ações e sobre as ações em determinados cenários ou contextos. Expõe as reflexões do autor/aluno a partir do diálogo interior, oferecendo informações pertinentes aos processos de aprendizagens e de socialização no ambiente escolar e fora dele. É a fundamentação de um instrumento de autoavaliação, proporcionando ao autor/aluno a reflexão sobre as informações que ele mesmo produziu a partir das relações com os saberes em questão. É uma estratégia ousada para fundamentar a avaliação em (auto)avaliações e, conseqüentemente, em (auto)formação.

O Diário de Bordo apresenta elementos referentes aos processos de aprendizagens, mas também aponta para a qualidade desse processo e

dos conhecimentos que estão sendo construídos como constitutivos da formação pessoal. Evidencia o autor como um todo, protagonista das próprias aprendizagens. Rompe com a ideia de linearidade hierárquica, onde o saber é privilégio do formador, apresentando uma participação ativa do aluno/professor/pesquisador nos processos de aprendizagens. Permite a exploração de alternativas referentes ao ambiente e aos conhecimentos, ao tempo e ao movimento favoráveis para a realização de inferências sobre as relações entre os diferentes saberes e os diferentes sujeitos, estabelecendo similaridades entre ideários, facilitando descobertas de princípios, conceitos ou relações. Conforme as professoras vão escrevendo sobre si e suas relações com o conhecimento, rompem com a lógica linear, conteudista e estática do currículo tradicional, percebendo o conhecimento em diferentes vivências prazerosas.

Quando trabalhamos com o Diário de Bordo, pressupomos a existência de um currículo espiralado, que possibilita ao aluno/autor/professor perceber o mesmo conhecimento sob diferentes aspectos, níveis de aprofundamento e formas de representação. Rompe com as ideias de estruturação, transversalidade e linearidade do currículo para percebê-lo vivo dinâmico e relacional.

Penso no Diário de Bordo como uma estratégia de (auto)aprendizagem (o que também pressupõe ensinagem) desafiadora, onde, a partir das suas percepções e narrativas, bem como da perspectiva da forma de organizá-las, o aluno/autor/professor aprende solucionando problemas através do desenvolvimento do pensamento matemático, ao desafiar-se a compreender o mundo e suas relações. Conforme o aluno/autor/professor vai elaborando o Diário de Bordo, também vai atribuindo sentido ao que faz a partir da compreensão de si em relação com o mundo (conhecimento). Constrói sua identidade ao observar-se e narrar-se nessa relação com o mundo e que constitui as maneiras de fazer inventivas do cotidiano (Certeau, 2012). Uma forma de (re)avaliar-se em movimento (auto)reflexivo que possibilita a criação de condições para que a aprendizagem se efetive.

Voltar-se sobre si, em movimentos de autoconhecimento, é narrar o indizível, o invisível aos outros que, imperceptível em um primeiro momento, transborda o conhecimento construído pelo cotidiano nas relações das próprias histórias de vida. Escrever uma Tese é também (re)escrever-se, pensando-se, dizendo-se e (re)inventando-se no cotidiano investigativo. (Fragmento do Diário de Bordo da autora, 2013).

Escrevendo no Diário de Bordo narrativas de si, tornamo-nos protagonistas da nossa formação, o que é atraente na perspectiva da forma metodológica de operacionalizar as transformações que promovemos ao longo da vida escolar nossa e dos nossos alunos. O fato de poder lidar com as possibilidades dos sujeitos e a imprevisibilidade das aprendizagens favorecem a intenção pedagógica do professor.

Através dos Diários de Bordo e da reflexão realizada para compô-los, fui elucidando elementos pertinentes às minhas aprendizagens protagonizando-as em um tempo próprio e singular, articulador do movimento histórico constitutivo dos sujeitos. Existem momentos de socialização dos Diários de Bordo, quando a turma objetiva compreender e envolver-se com as aprendizagens de cada aluno/autor. A partir das narrativas de cada um, relacionamos as diferentes formas expressivas pessoais com estudos e articulamos diferentes momentos de aprendizagens constitutivos dos sujeitos em formação.

Oliveira (2009) diz que ensinar não basta, é preciso proporcionar aos alunos que vivenciem diferentes estratégias de ensino aprendizagem em situações de vivência e colaboração na construção dos conhecimentos que cada um busca para si. As aulas, a orientação afetuosa dos professores, o sentimento de grupo, a clareza dos inéditos viáveis e a compreensão dos processos de pensamento pertinentes às diferentes aprendizagens são fundamentais para que se possibilitem as transformações pertinentes à (auto)formação.

É necessário estabelecer uma dialogicidade entre o lugar e entre os sujeitos, definindo que relações afetivas e cognitivas serão estruturadas e valorizadas. Forma-se um entrelugar de cultura de aprendizagens que em linguagens, muitas vezes silenciosas, definem-se pelas práticas cotidianas de aprender e suas maneiras de fazer (CERTEAU, 2012), registrando, mais do que anotações da aula, as reflexões sobre o que, como e por que se está fazendo/aprendendo.

Falar sobre o cotidiano e escrever-se em Diário de Bordo é dizer-se em diferentes “maneiras de fazer” com que as possibilidades sejam inventadas pelo que se vai pensando e sobre o que se vai fazendo em ações articuladas pela convivência afetuosa com os outros. Mais do que o lugar e o tempo em que se está, são as relações entre os sujeitos, entre esse lugar e os tempos vividos, que compõem uma cultura inventiva do cotidiano. Registrar as compreensões dessas relações é escrever-se, em ação presente, em (auto)formação.

De qual avaliação estou falando: avaliação (auto)formadora

Uma Avaliação (Auto)Formadora pressupõe estratégias de registro de aprendizagem (e de ensinagem) que sejam essencialmente narrativas, assim como o Diário de Bordo. A partir da pesquisa realizada com professoras alfabetizadoras e baseada em teóricos como Perrenoud (1999), que apresenta a necessidade de uma avaliação formadora e reguladora do aprender e do ensinar; Abrahão (2006, 2008), Passeggi (2008) e Souza (2008, 2011), que apresentam a importância das narrativas pessoais para a autoformação e consequente formação humana; e Arroyo (2004), que prioriza a superação dos paradigmas escolares a partir das trajetórias pessoais de alunos e mestres e por todas as informações aqui expostas; minha proposta é conceber a avaliação escolar como

(auto)formadora, pois entendemos que essa dimensão possibilita-se a partir do princípio da narrativa em ações criativas do dizer-se. Mudando o paradigma da avaliação, conseguimos transformar nossas práticas pedagógicas, pois transformamos a nós mesmos. O professor necessita colocar-se no lugar de aluno, pois ensinar e aprender são um binômio indissolúvel: quem ensina tem que estar aprendendo e quem aprende, ao aprender, está ensinando. Avaliar, para poder transformar, tem que redimensionar-se em (auto)avaliação de todos os envolvidos no processo de alfabetização, inclusive de formação de professores.

Propomos a ruptura com o senso comum naturalizado nos espaços e tempos escolares, de uma avaliação hierarquizada pautada em aptidões. Dificilmente, quando realiza a avaliação dos seus alunos, o professor avalia ao seu trabalho. Pensa em processos, mas esquece que processos são efetivados a partir de relações que acontecem no presente e que constroem possibilidades. Dificilmente, ao avaliar, o professor age de forma processual e, muito menos, estabelece suas práticas pedagógicas com a compreensão de que a aprendizagem é um processo. Se a aprendizagem é um processo, a ensinagem também é. Assim como formar-se e transformar-se permanentemente.

Expondo em diferentes formas narrativas as reflexões do autor/autor/professor, o Diário de Bordo oferece informações pertinentes aos processos de aprendizagens e de socialização no ambiente escolar, tanto para o aluno, como para o professor. É a base de um instrumento de (auto)avaliação proporcionando ao autor a reflexão sobre as informações que ele mesmo produziu, tanto referente aos processos de aprendizagens, como da qualidade desse processo e dos conhecimentos que estão sendo construídos como elementos de formação pessoal.

O Diário de Bordo evidencia o aluno/autor/professor como um todo, protagonista das próprias aprendizagens. Rompe com a ideia de linearidade hierárquica, apresentando uma participação ativa do aluno/autor/professor nos processos de aprendizagens. Permite a exploração de alternativas (ambiente e conhecimentos) favoráveis para a realização de inferências sobre as relações entre os diferentes saberes, e de estabelecer similaridades entre ideários, facilitando descobertas de princípios, conceitos ou relações. Conforme escrevem sobre si e suas relações com o conhecimento, os autores rompem com a lógica linear, conteudista e estática do currículo tradicional, percebendo o conhecimento em diferentes vivências.

Utilizar a (auto)biografia como metodologia e empregar o Diário de Bordo como uma estratégia do aprender e do ensinar, do (auto)formar-se, pressupõe um currículo espiralado, que possibilita aos envolvidos no processo educativo perceber o mesmo conhecimento sob diferentes aspectos, níveis de aprofundamento e formas de representação. Escrever-se em Diários de Bordo é romper com as ideias de estruturação, transversalidade e linearidade do currículo para percebê-lo vivo, dinâmico e relacional. Assim como rompe com a

ideia de separar a aprendizagem e a *ensinagem*, amalgamando os dois processos nas narrativas que se fazem formadoras dos sujeitos e dos saberes.

Não penso mais nas letras, mas em dizer-me, pois sou fruto do meu desassossego que me delineia em experiências de amizades expressas em linguagens e corporeidades.

Como assim? Se nesse movimento o outro sou eu?

(Fragmentos, do Diário de Bordo da autora, 2013)

O Diário de Bordo é uma estratégia de (auto)aprendizagem (o que também pressupõe ensinagem) desafiadora, onde, a partir das suas percepções e narrativas, bem como da perspectiva da forma de organizá-las, o aluno/autor/escritor e o professor aprendem solucionando problemas e desafiando a si mesmos a compreender o mundo e suas relações.

Voltar-se sobre si, em movimentos de autoconhecimento é narrar o indizível, o invisível aos outros que, imperceptível em um primeiro momento, transborda o conhecimento construído pelo cotidiano nas relações das próprias histórias de vida. Escrever em Diários de Bordo é também (re)escrever-se, pensando-se, dizendo-se e (re)inventando-se no cotidiano investigativo. (Fragmento do Diário de Bordo da autora, 2013).

Escrevendo, no Diário de Bordo, narrativas de si, os sujeitos tornam-se protagonistas da sua formação, seja ela em que nível ou modalidade de ensino for.

Para finalizar, concluímos o trabalho desenvolvendo uma tese embasada no conceito de território, utilizado por Milton Santos, que refletirá na criação de duas fundamentações filosóficas e pedagógicas: a construção da cultura da professoralidade e a produção da ambiência comunicativa. Mas isso é assunto para outro texto.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena M. B. (org.) **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

_____. As narrativas de si resignificadas pelo emprego do método autobiográfico. In: Souza, E. C. de & ABRAHÃO, M.H.M.B. (orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS/EDUNEB, 2006a, p. 149-170.

ANTUNES, Helenise S. **Ser Aluna e Ser Professora. Um olhar para os ciclos de vida pessoal e profissional**. Santa Maria/RS: Editora UFSM, 2011.

ARROYO, Miguel. **Imagens Quebradas. Trajetórias e tempos de alunos e mestres**. 3. ed, Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

- BARCELOS, Valdo. **Uma Educação nos Trópicos, – Contribuições da Antropofagia Cultural Brasileira.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BRANDÃO, C. R. **A Educação como Cultura.** Campinas, SP: Mercado Aberto, 2002.
- BOOBIO, Norberto. **O tempo da memória – De senectute e outros escritos autobiográficos.** 6. ed. Trad. Daniela Beccaccia Versiani. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- BOSI, Ecléa. **Memória & sociedade: lembrança de velhos.** São Paulo: T.A. Editor, 1979.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** Vol. 1 Artes de fazer. **19. ed. Petrópolis, RJ:** Vozes. 2012.
- CHARLOT, Bernard. **Da Relação com o Saber. Elementos para uma teoria.** Porto Alegre: ARTMED. 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- _____. **Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática docente.** Rio de Janeiro:, Paz e Terra, 1997.
- JOSSO, Marie-Christine. Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si. *In:* SOUZA, Elizeu Clementino e ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (orgs.). **Tempos, narrativas e ficções:** a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006. p. 21-40.
- _____. **Experiências de vida e formação.** Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- MATURANA, Humberto; NOGUEIRA, Adriano. Cuestiones sobre el acto de conocimiento: El conocimiento como epigénesis, La emocionalidad y El lenguaje como coordinación de interacciones. *In:* NOGUEIRA, Adriano S. **Ambiência. Diálogos Freirianos e Formação docente.** Brasília: Liber Livro., 2012. p. 23 a 32.
- MATURANA, H. R. & VARELLA, F. G. **A árvore do Conhecimento – As bases biológicas do conhecimento humano.** São Paulo: Phalas Athena, 2001.
- NOGUEIRA, Adriano S. **Ambiência. Diálogos Freirianos e Formação docente.** Brasília: Liber Livro, 2012.
- OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. O papel da cultura visual na formação inicial em artes visuais. **Educação na cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa.** MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). Santa Maria, RS: Ed. Da UFSM, 2009. p. 213-225.